

GRUPO DE ESTUDOS: UMA ALTERNATIVA PARA A FORMAÇÃO CONTINUADA DO PROFESSOR

Noeli T. Pastro Signorini¹

Resumo: *Diante do contexto político/social e econômico deste final de século e o papel da Geografia na formação de um cidadão crítico-reflexivo, é preciso que o professor esteja consciente da necessidade de formação continuada. Portanto, é preciso ousar e permitir ao professor oportunidade e espaço para que ele possa estudar, se atualizar o que é possível através da organização de grupo de estudos na escola, objetivando equacionar momentos de reflexão e leitura, num compromisso que vai se construindo ao longo da sua caminhada profissional.*

Abstract: *Facing the political / social context of this end of century and the role of Geography in the improvement of a critical-reflexive citizen, it is necessary that the teacher be aware of the need of his continuous improvement. Thus, it is necessary to dare and give the teacher the opportunity and environment in order he can study, become update in what is possible through the arrangement of study groups at school aiming at equate moments of reflexion and reading in an engagement which will be growing during his professional career.*

Palavras-chave: *Geografia; formação do professor; grupo de estudos.*

¹ Professora do Curso de Geografia da Faculdade de Ciências Humanas de Francisco Beltrão; Mestranda em Educação na UNICENTRO/UNICAMP.

Faz Ciência	Francisco Beltrão	v.2	nº 01	p. 103-114	1998
-------------	-------------------	-----	-------	------------	------

A Geografia tem sido considerada por muitos alunos uma disciplina chata, desinteressante e sem nenhuma aplicabilidade prática fora do contexto escolar; é o resultado da maneira como o ensino da Geografia tem sido praticado na escola, onde professores e alunos recebem “treinamento” mas não uma formação profissional. Essa realidade nos faz rever a afirmação de Oliveira quando diz que:

“...professores e alunos são treinados a não pensar sobre e o que é ensinado e sim, a repetir pura e simplesmente o que é ensinado. O que significa dizer que eles não participam do processo de produção do conhecimento”. (1990:28).

Nesse aspecto, o professor caracteriza-se como um transmissor de conhecimentos e o aluno, um sujeito passivo, capaz de reproduzir a ideologia dominante subjacente nos livros didáticos e contribuir para a hegemonia das classes dominantes; parece apenas seguir os programas curriculares oficiais, não se preocupando minimamente com a formação crítica do cidadão.

Diante das dificuldades encontradas pelo profissional da Geografia, para atuar no ensino com eficiência didática e atitude crítica, Marini destaca que elas são:

“... aumentadas pela ausência de uma clara compreensão dos elementos envolvidos na situação ensino-aprendizagem. Falta ao professor condições de descrever a própria e elucidá-la em face dos problemas com que se depara na sala de aula.” (1986: 60)

Para reverter este quadro, de um ensino meramente reprodutivista, é preciso que formemos um novo professor, que seja capaz de considerar as potencialidades do educando sua capacidade de criar, valorizar sua cultura, suas crenças, seus anseios e sua inserção na sociedade.

Porém, diante dos avanços tecnológicos, Rocha (1996) nos

chama atenção que não é possível que continuemos a acreditar que a educação seja o processo de transferência mecânica de conhecimento. Esse quadro é resultado de uma formação acadêmica tradicional e das concepções de um ensino positivista e tecnicista, que considera o professor como único detentor do conhecimento; um professor que trabalha um saber fragmentado, descritivo e discursivo, com a finalidade de perpetuar o sistema capitalista e a legitimação de uma sociedade reprodutora das desigualdades sociais e nesse contexto, a formação do professor deixa muito a desejar.

Hoje, a escola passa por sensíveis transformações como a revalorização das ciências humanas e também por um novo interesse pelo ensino da Geografia, uma Geografia renovada e convencionalmente crítica.

Para Rocha, a preocupação básica do ensino da Geografia crítica deve ser a de:

"... contribuir na construção plena da cidadania, possibilitando ao aluno as condições teóricas para que ele aprenda criticamente a realidade e possa participar ativamente das transformações que se fazem necessárias." (1996:180).

E para ser co-participante das transformações sociais, a escola deve estimular a iniciativa do aluno, desenvolver sua capacidade crítica/reflexiva e, através de um ensino democrático, conscientizá-lo do papel que desempenha na sociedade e oportunizá-lo a construir-se como cidadão. Com essa visão, e uma nova prática pedagógica, a escola passa a exigir um professor consciente de que:

"... o processo de construção do saber deve ser uma parceria entre alunos e professores e, por conta disso, o professor não pode mais se ver como mero transmissor de conhecimentos, e nem aos alunos como meros

receptáculos passivos do conhecimento". (Rocha, 1996:181).

Não podemos mais continuar trabalhando nos moldes da Geografia Tradicional, com um conhecimento fragmentado, enciclopédico, do livro didático; isso não tem mais sentido porque a escola da revolução técnico-científica passa a exigir:

"... aulas teóricas e práticas que ensinem a pensar, que ajudem a desenvolver o senso crítico e o raciocínio dos educandos, que os auxiliem a aprender a pesquisar, a buscar as informações e novas abordagens." (Vesentini, 1996:218).

No entanto, nossos professores do ensino fundamental e médio não estão tendo uma formação capaz de viabilizar uma nova proposta metodológica do currículo de Geografia e nem tampouco, os cursos de formação de educadores têm sido capaz de trabalhar com a concepção crítica da Geografia, no sentido de considerá-la segundo Rocha (1996), como sendo uma ciência da sociedade e que tem como especificidade a análise da dimensão espacial presente na dinâmica social.

Todavia, como muitos professores ainda não dominam o conhecimento sobre as dinâmicas sociais, nem a fundamentação teórica para discutí-las, torna-se difícil equacionar as discussões sobre o papel que a Geografia tem a desempenhar: uma Geografia voltada para a formação do cidadão, que concebe o espaço socialmente produzido pelo homem, transformado em mercadoria, onde ocorrem lutas e conflitos sociais. Essa realidade é resultado das deficiências nos cursos de Licenciatura, ou seja, uma formação acadêmica, tradicional e a-crítica, uma Geografia ainda nos moldes da memorização de fatos, acontecimentos, descrição de paisagens e regiões.

Tendo em vista o contexto histórico/social/político e econômico deste final do século, o da Terceira Revolução Industrial,

caracterizando-se como a era técnico-científica, Vesentini enfatiza que o momento passa a exigir das pessoas o ensino superior. O que importa agora, não é mais o diploma, o título mas sim, a formação das pessoas e ainda acrescenta:

"... é aprender a aprender, é saber se virar sozinho, saber pensar por conta própria, tomar decisões, ter criatividade, raciocínio lógico e senso crítico bem dosado." (1996:216).

Portanto, diante dessa nova realidade e dos avanços do conhecimento, a sociedade passa a exigir uma escola de qualidade, um professor competente e, para que isso realmente se efetive é preciso uma política governamental voltada para a melhoria da escola pública uma vez que:

"... não se pode pensar uma escola básica de qualidade sem professores bem preparados valorizados e remunerados." (Moreira, 1995:9)

Diante das exigências do novo milênio e um mundo cada vez mais globalizado, é preciso trazer à tona a discussão sobre a necessidade de formação continuada do professor e, para que ele possa enfrentar a complexidade da sala de aula, é necessário que ele esteja em permanente estudo daí a importância da competência do profissional professor e, nesse sentido, Moreira (1995) destaca que deve se expressar tanto no aspecto técnico de seu desempenho como no sentido político de sua prática.

Porém:

"... os administradores públicos em diferentes níveis, não têm contemplado a educação e a carreira dos professores com políticas coerentes com as necessidades de um país que se quer socialmente avançado. Ainda é baixa a consciência política em relação à importância

social dos professores no quadro do desenvolvimento do país e de seu enquadramento na conjuntura mundial.” (Gatti, 1997: 1)

Tendo em vista a formação deficiente ou formação inadequada do professor, reverter este quadro depende, segundo Gatti (1997), de um processo que não se desencadeia em um dia ou alguns meses mas, décadas são necessárias e ainda desenvolvido em longo processo de maturação. Portanto, considerando a realidade com a qual nos deparamos, entendemos que o ponto crucial da melhoria do ensino, está na formação do professor daí a necessidade de permanente atualização e formação continuada e que destacamos como de fundamental importância, a organização de grupos de estudos na escola, espaço este para refletir, repensar coletivamente sobre as condições e possibilidades de trabalho, a prática pedagógica da sala de aula e as bases teóricas que dão sustentação ao trabalho docente e garantem a melhoria da qualidade de ensino; equacionar a oportunidade para o professor enfrentar esse desafio em parceria com colegas da mesma área e por que não, unir as diferentes áreas num exercício inicial de interdisciplinaridade que no término de um período, possamos experienciar um projeto interdisciplinar. É um novo contexto profissional, um processo de aprendizagem e descobrimento pois a formação do professor não se esgota com a conclusão de seu curso de graduação e, nem tampouco, em nenhuma das etapas do sistema escolar pelo contrário:

“... cada uma das etapas, cada uma delas deveria cuidar de continuar desenvolvendo o processo de formação, cuja duração é igual à duração da vida de cada ser humano.” (Dubois, 1997 : 15)

Desta forma, é preciso que nos preocupemos em auxiliar o professor de Geografia na superação das dificuldades decorrentes de sua formação e da necessidade de constante atualização para

enfrentar e melhorar sua prática pedagógica, uma vez que após concluir a graduação, o professor perde o contato com a Universidade e o Estado com seus cursos de capacitação e “reciclagem” não da conta da demanda e nem suprime as defasagens da formação do professor e nem de atualizá-lo, pois a tecnologia avança rapidamente e o professor encontra-se desatualizado e sem condições de investir em sua formação e que na verdade não dispõe de tempo quanto mais de condições financeiras para tal, uma vez que seu salário mal dá para sobreviver.

À formação e atualização permanente do docente no contexto atual, deve-se dar atenção especial tendo em vista o período histórico/social/político e econômico em que vivemos e o papel da Geografia, que para Vesentini (1992) é o de auxiliar na formação de cidadãos conscientes, ativos e dotados de opiniões próprias, num momento histórico que exige novas formas de abordagem e compreensão do mundo, pois vivemos um momento especial que revela que a escola passa a exigir um novo professor, consciente de que a tarefa da construção do saber deve ser uma parceria entre o aluno e o professor, e não mais um professor transmissor de conhecimentos e um aluno receptáculo passivo deste conhecimento. Desta forma, Demo (1993) salienta que o professor deve ser a imagem do “aprender a aprender”, estabelecendo que o centro desta expressão é o cerne da educação. Contudo, tendo consciência sobre essa questão, leva-nos a refletir sobre nossa tarefa docente e da influência que esta pode ter sobre a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno e, não há dúvida da nossa responsabilidade nesse processo.

O trabalho em sala de aula deve envolver o professor e aluno num processo coletivo de construção, mediação e elaboração de conhecimento. Porém, Vasconcellos nos chama atenção que o que se constata ainda hoje é que:

“... a escola não tem conseguido garantir a apropriação significativa, crítica, criativa e duradoura, por parte dos educandos do conhecimento fundamental

acumulado pela humanidade, de tal forma que pudesse servir como instrumento de construção da cidadania e de transformação da realidade.” (1993: 11)

E neste momento de crise, em que o professor sente-se marginalizado pela sociedade, mal visto, mal pago, buscando novos referenciais, novos valores, novos paradigmas, é preciso considerar que o contexto atual, exige que todos os professores, de todas as áreas do conhecimento, precisem estar permanentemente atualizados e a escola deve abrir espaço para o professor ao que Cunha enfatiza:

“... é preciso estender ações e influências sobre o professor em exercício, favorecendo situações de análise e reflexão sobre a sua própria condição e experiência.” (1995: 171)

As discussões acerca das políticas educacionais, de reformas na educação, novas metodologias e teorias, sempre foram pauta das altas instâncias das Secretarias de Educação e o professor, que atua diretamente na sala de aula, responsável pela efetivação da educação é marginalizado e diante das rápidas mudanças no campo do conhecimento, não tem espaço nem incentivo para se atualizar, estudar. Para Demo,

“... programas de atualização significam recolocar em xeque, a competência e buscar caminhos criativos, alternativos de aprimoramento e revisão, que recuperem a capacidade de construção de projeto pedagógico próprio. Supõe, carga forte de leitura, elaboração própria, contínua e orientada.” (1993: 97)

Portanto, o professor precisa de oportunidade e de contínuo estudo para acompanhar as transformações, pois diante das inovações decorrentes do processo de mundialização e globalização que tem repercussão em todos os setores de atividades e,

principalmente com o compromisso de humanizar essas informações carece, absolutamente, segundo Demo (1993) que o professor esteja à frente dos tempos e que a aprendizagem do aluno é função primeira da aprendizagem do professor.

Nesse sentido, Nóvoa (1991) enfatiza que a formação do professor não se constrói cumulativamente a partir de cursos sobre conhecimentos específicos ou sobre técnicas de ensino. O professor constrói-se efetivamente como profissional da educação a partir do momento em que passa a ser protagonista ativo na concepção, acompanhamento e avaliação do seu próprio trabalho e, para que o professor possa desenvolver autonomia profissional, atitude crítico-reflexiva sobre sua prática pedagógica, é necessário sobretudo, que ele tenha a oportunidade de aprender a produzir e a pesquisar bem como, refletir de maneira mais sistematizada a prática pedagógica da sala de aula, o que acreditamos ser possível através da organização de grupos de estudos na escola.

A formação do professor é de fundamental importância para a construção de um projeto educacional portanto, ela deve ser contínua e permanente para aprofundamento teórico, troca de experiências, avaliação e reflexão; para isso, mudanças estruturais devem ser efetivadas no sistema atual de ensino, criando espaços para que o professor possa enfrentar os desafios do novo milênio. Para Santos:

“A formação do professor, pensada como desenvolvimento de competências, subtraindo a formação voltada para a aquisição de uma visão mais ampla e crítica da educação, desenvolve um tipo de profissionalismo restrito e estreito.” (1997: 31)

Diante das dificuldades enfrentadas pelo professor tanto em sala de aula quanto no contexto escolar e na educação como um todo, é preciso ousar e permitir ao professor oportunidade para que ele possa apropriar-se da fundamentação teórico-metodológica, melhorar o seu desempenho e ter condições de enfrentar os novos

paradigmas da educação, construir sua identidade profissional que segundo Cusati (1997), vai se delineando um percurso de vida que é um percurso de formação.

É necessário também considerar as exigências atuais da população para o entendimento do mundo e Barcellos (1996), nos alerta que essa realidade passa a exigir uma continuada atualização e ampliação dos horizontes contextuais do conhecimento. Diante disso, Moreira destaca:

“A questão da qualificação e da carreira docente, precisa ser repensada e tratada com base em uma perspectiva aberta, flexível, mais qualitativa que quantitativa.” (1995: 133)

Portanto, é preciso promover reuniões, debates teóricos, seminários, discussões sobre a prática pedagógica, novas propostas e grupos de estudos e, é através desta última que objetivamos equacionar momentos de reflexão e leitura ao professor para garantir a melhoria da qualidade de ensino, num compromisso com a formação continuada do professor que se constitui num processo dinâmico e que vai se construindo ao longo da sua caminhada profissional.

É preciso dar condições objetivas ao professor pois os desafios da modernidade exigem estudo constante. Para Demo:

“Quem não estuda todo o dia, todo o dia envelhece. Se o conhecimento é aquilo que tudo inova, por outro lado, o inverso é aquilo que tudo envelhece.” (1997: 3)

Daí a necessidade de estudo e atualização continuada do professor para que ele possa acompanhar a evolução dos tempos, do conhecimento e da ciência como num todo. É preciso um professor permanentemente atualizado para resgatar sua dimensão política, social e profissional.

Nesse sentido, são necessárias novas experiências, políticas

educacionais efetivas, valorização do professor, uma proximidade mais efetiva das Secretarias de Educação e dos sindicatos com a Universidade, novas tentativas que contribuam efetivamente para a formação continuada do professor, de um novo professor. É preciso que se evidenciem novas abordagens dos conteúdos, alternativas metodológicas condizentes com as exigências da sala de aula dos diferentes níveis de ensino.

É um novo paradigma, um novo professor, para um novo tempo.

Referências bibliográficas

BARCELLOS, Eronita S. A formação do Professor – O Exemplo da UNIJUÍ. In. **Professores: Formação e Profissão**. Autores Associados, São Paulo, NUPES, 1996.

CUNHA, Maria I. da. **O Bom Professor e sua Prática**. 4ª ed. Campinas, São Paulo, Papirus, 1994.

CUSATI, Iracema C. Repensando a formação de professores de Matemática. In. **Presença Pedagógica**. Revista. Editora Dimensão. Nº 17, Set./Out. 1997.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. Petrópolis, R.J., Vozes, 1993

_____. O Direito de Estudar. In. **Jornal do Alfabetizador**. Ano VIII, Nº 46, 1997.

DUBOIS, Maria E. Leitura, Escrita e Formação Docente. Trad. Francisco Peixoto. In. **Jornal do Alfabetizador**, Ano VIII, Nº 46, 1997.

GATTI, Bernadete A. **Formação de Professores e Carreira: problemas e movimentos de renovação**. Campinas, São Paulo: Autores Associados, 1997. (Coleção formação de professores).

MARINI, Thereza. Quem Ensina o Ensino da Geografia. In **Bol. de Geografia UEM**, Ano 4, nº 1, Jan. 1986.

- MOREIRA, Antonio F. B. (org.). In. **Conhecimento Educacional e Formação do Professor**. 2ª ed., Campinas, São Paulo, Papyrus, 1995.
- NOVOA, Antonio (coord.). **Os Professores e sua Formação**. 2ª ed., Lisboa, D. Quixote, 1995, Temas de Educação 1.
- OLIVEIRA, Ariovaldo U. (org.). **Para onde vai o Ensino de Geografia?** 2ª ed., São Paulo, Contexto, 1990.
- ROCHA, Genilton O. R. da. Ensino de Geografia e a Formação do Geógrafo- Educador. In. **Geografia, Política e Cidadania**. AGB, Terra Livre, Nº 11-12, 1996.
- SANTOS, Lucíola L. de C. P. O processo de Produção do Conhecimento Escolar e a Didática. In. **Conhecimento Educacional e Formação de Professor**. 2ª ed., Campinas, São Paulo, Papyrus, 1995. (Col. Magistério: Formação e trabalho pedagógico.)
- _____. Educação Básica: currículo e formação de professores. In. **Presença Pedagógica**. Revista. Ed. Dimensão, Nº 17, Set./Out. 1997.
- VASCONCELLOS, Celso dos S. **Construção do Conhecimento em Sala de aula**. São Paulo, Libertad, 1996. (Cadernos Pedagógicos do Libertad – 2.)
- VESENTINI, J. W. **Para uma Geografia Crítica na Escola**. Ática, S.P., Série Fundamentos, 1992.
- _____. (org.). **Geografia e Ensino: Textos Críticos**. Campinas, São Paulo, Papyrus, 4ª ed., 1995.
- _____. O Novo Papel da Escola e do Ensino da Geografia na Época da Terceira Revolução Industrial. In. **Geografia, Política e Cidadania**. AGB, Terra Livre, Nº 11-12, 1996.